



UNICO DE SOCIEDADE DO MUNICIPIO DE S. PAULO EM FILLERSE URG.

VOL. II. — 1.ª SERIE.

JULHO, 31, 1858.

C. M. L.
 GABINETE
 DE ESTUDOS
 OLISIPONENSES

TUMULO DE NICOLAU I. NO TEMPLO DE S. PEDRO E S. PAULO EM PETERSBOURG.

Representa o nossa gravura a tumulo onde repoisam as cinzas de Nicolau I. Falleceu em 1855. Foi casado com a imperatriz Alexandra Feodorowna, que nasceu a 29 de Abril (17, epoca russa,) de 1818.

O czar Nicolau era um d'esses homens de ferro que a historia commemorará pela sua energia. Dominado constantemente pela ambição, que parece ser partilha dos autocratas de todas as Russias, quando não seja uma invariavel linha de conducta politica para o engrandecimento do imperio, onde governam absolutamente: apenas dormia quatro horas, durante as vinte e quatro de que se compõe o dia! As restantes empregava-as no seu gabinete, ou estudando as questões economicas do paiz, ou nos acampamentos industriando o seu exercito.

Esta energia, e esta vontade de predominio tratou elle de inocular no principe Alexandre, seu filho, hoje imperador de todas as Russias. Não foram poucos os actos de rigor que usou com elle, reconhecendo que, gerado de uma senhora alemã, se inclinava para as idéas que actualmente predominam na Europa. De todas essas provas saiu airoso o actual czar.

Não é este o lugar de citar varias anedotas familiares de Nicolau I, que, se provam a sua disposição para o velho partido russo, comprovam igualmente que nas affecções de familia imperava n'elle um affecto paternal que nas mais dificeis circumstancias não sabia reprimir.

Esta lucta entre o velho partido russo, e as affecções do seu coração; a energia que se via obrigado a desinvolver para não ser victima como a maior parte dos seus predecessores, arrastaram-no ao tumulo na epoca em que menos se esperava.

Não é uma biographia que hoje traçamos. Apresentando a gravura do seu tumulo na cathedral de S. Petersbourg, deviamos delinear em breves traços um d'esses vultos de que a historia hade algum dia occupar-se.

OS MENDIGANTES EM CANTÃO.

Na China, do mesmo modo que os bohemios, tem os mendigantes os seus reis, que a cada um dos seus vassallos pellitrapos assignam os particulares deveres de vagabundagem, e o campo das operações que deve abraçar. O que a este respeito ha de mais singular vem a ser protegerem-n'os as leis da China com certos direitos e privilegios. Dão-lhes o direito de se aproximarem á porta de qualquer domicilio e bater a ella, ou entrarem nas lojas, e ahí tocarem uma especie de matracas, por todo o espaço de tempo que lhes approuver, sem que o dono da casa ou da loja os possa empurrar pela porta fora em

quanto lhes não pagar o imposto ordinario, que é uma moeda das mais pequenas, chamada *cash*. Quando o mendigante o recebeu abala a repetir a mesma vexação na casa vizinha, e assim continua até completar o seu quotidiano circuito.

Diz-se que uma centena d'estes mendigantes exploram diariamente por ordem do seu rei só uma rua de Cantão, que é aquella onde habitam os negociantes mais ricos, e que se chama a *rua velha da China*. Alguns d'estes homens de negocio teem contracto com elles, dando-lhes uma determinada quantia para se livrarem da visita de tão importunos hospedes: outros recusam acceder a esta especie de assignatura, e deixam estar á porta o pobre tanto tempo quanto a propria paciencia lh'o permite, alim de o obrigar a perder tempo, pois que o mendigante deseja visitar o maior numero de casas para á noite entrar no thesouro geral com a maior quantidade possivel de *cash*.

Estes mendigantes arregimentados teem instituições de beneficencia que lhes são proprias, para acudir a doenças e precisões dos seus enfermos e velhos. É difficil a um estrangeiro calcular o numero de pessoas assim arregimentadas; porém deve ser grande, a tomar por base as massas que infestam a parte da cidade accessivel aos estrangeiros. Deve finalmente dizer-se a este respeito que cada cidade tem regulamentos especiaes para os seus mendicantes, e que isto que acabamos de narrar sómente acontece em Cantão.

ALGUMAS NOTICIAS SOBRE A AFRICA ORIENTAL PORTUGUEZA.

O manuscripto, de que publicamos este extracto, parece-nos ter sido dirigido ao marquez de Pombal, durante os primeiros annos do seu ministerio, e tem por titulo « Breve Noticia da Africa Oriental, e arbitrios para o estabelecimento de uma companhia na Costa Oriental d'ella e India. » Não podemos saber o nome do autor; sabemos apenas que pertencia á livraria de monsenhor Ferreira Gordo, socio da academia real das sciencias, cujos trabalhos de erudição não são dos que menos illustam os annaes d'aquelle celebre instituto.

Ha um trecho na introdução, que precede este opusculo, que prova quanto é verosimil a nossa conjectura. Depois de declarar que as noticias que pôde colher foram sobre tudo extrahidas das relações de muitos vice-reis da India, e *ultimamente de Francisco de Mello de Castro governador e capitão general* que foi d'aquella parte do mundo no anno de 1758, acaba com o seguinte: « V. ex.^a cuja comprehensão é sublime me desculpará até onde a rudeza do meu juizo não chegar a discorrer com acerto, e so accete a vontade que não trocarei com vassallo algum de sua magestade fidelissima, ainda

aquelles que se presam de mais eminentes e fieis.

A Africa oriental, apesar dos resultados mais directos e promptos, que obtinhamos na conquista da India, sempre era recordada pelos nossos chronistas como uma d'essas regiões phantasticas em cujo seio se escondiam thesouros e minas preciosas, capazes de enriquecer, em breves annos, não só o lisco mas a nação inteira.

Diogo do Couto nas suas Decadas denuncia em mais de um logar a idéa maravilhosa que se fazia da riqueza e fertilidade d'aquellas regiões. Descrevendo no cap. xxii Decada ix as terras do Monomotapa escreve o seguinte:

«As mais ricas minas de todas são as de Macapar, e d'onde mostro na minha Abassia que a rainha Sabá levou a maior parte do oiro que foi offerecer ao templo de Salomão, a qual eu tenho por Ophir de que trata a sagrada Escriptura, e a similhaça do nome o mostra claramente. . .»

No «Dialogo do Soldado Pratico» é Diogo do Couto ainda mais explicito. «Digo, senhores, que ambas essas coisas são muito necessarias: mas para se poderem conquistar, como é razão, primeiro o hão de fazer ás minas da prata da Chicova no reino de Monomotapa, coisa tão sabida, tão ricas e prosperas, que excedem a todas as do mundo: porque eu vi fazer algumas vezes a experiencia nas pedras que de lá trouxe Vasco Fernandes Homem, e em outras que muitos trouxeram e eu a fiz em uma onça, que me deu um padre de S. Domingos, e respondeu duas partes de prata a uma de pedra: . . . (Dialogo do Soldado Pratico — pag. 145.)

No tempo de Diogo do Couto, e em epochas anteriores já havia a certeza de que podia haver communicação entre as duas Africas. Eis o que o distincto chronista escreve no mesmo livro citado: «e d'ella poderão penetrar até esse coração da Cafraria até á outra parte de Angola, com o que se faça communicavel o mar Atlantico com o Indico: porque tenho para mim que ha menos de duzentas leguas de travessia. E eu via na feitoria de Moçambique registada uma carta, que o governador Francisco Barreto escrevia a el-rei, andando na conquista d'este reino de Monomotapa em que lhe dava conta, que fóra á cõrte de Melinde a fazer certos negocios, e que estando no reino de Atondo lhe affirmaram uns moiros antigos, que d'ali até ao outro mar da outra costa haveria quinze, ou vinte dias de caminho. . .»

No tempo de D. Manuel Pereira, governador de Angola, no anno de 1606 (Catalogo dos governadores de Angola no Tomo 3.º das Noticias para a Historia e Geographia das nações ultramarinas) organisou-se uma expedição, para abrir a communicação da contra costa, de que era commandante Balthasar Rebello de Aragão, homem habil e destemido: expedição que não teve effeito, porque foi mister acudir ao soccorro da fortaleza de Cambambe, atacada por numero-

sas forças dos regulos negros. O celebre Sebastião Corrêa de Sá e Benevides; a quem pertence a gloria de expulsar os hollandezes das nossas possessões de Angola, já no ultimo quartel da vida, offereceu-se a D. Pedro II para conquistar o reino de Patê na baixa Ethiopia, e abrir communicações por terra desde o Cuama e o Monomotapa até Angola.

Ninguem ignora as expedições que se fizeram durante este seculo, emprehendidas por portuguezes: e os nomes do doutor Lacerda, e Gamitto são frequente e honrosamente citados pelos modernos viajantes inglezes.

Julgamos util ir successivamente apresentando os numerosos escriptos ineditos que existem sobre as nossas possessões de Africa, sobretudo as correspondencias dos governadores, que jazem no esquecimento dos nossos archivos, porque sem negarmos nem querermos attenuar a justa admiração que se tributa aos illustres viajantes e naturalistas doutor Livingstone, Anderson, e outros, provamos assim ao mundo que o nosso genio maritimo e colônia, enfraquecido pelos desastres e decadencia da metropole, não expirou de todo nos descendentes de Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, Pedro Alvares Cabral, Corte Real, e Fernão de Magalhães.

LOPES DE MENDONÇA.

«Principiando pois pela precisa sustentação dos seus habitantes, é toda a costa oriental de Africa abundantissima de fructas e legumes, capazes de sustental-os; principalmente Quilimane, Sofala, e Inhambane, cujos moradores cultivam *mizueira*, que é uma especie de mantimento semelhante ao nosso milho miudo: é fertilissima em gado maior e menor, de que se tiram grandes porções de manteiga: produz mel, cera, e um licor tirado de certas arvores, a que chamam *Massura*, e que serve de azeite, alem de outro menos liquido, extrahido de differente arbusto, e que é muito estimado por bom e de grande utilidade para as embarcações: isto é, para se fazer uma especie de massa com que se untam os costados dos navios, para os preservar da corrupção: e para cozer com o breu é proprio, assim como para outros diversos serviços.

«Não ha arroz nos seus terrenos, não porque o paiz o deixe de produzir, se o plantassem, mas porque os cafres não cuidam d'esta agricultura, por usarem mais de *mizueira*, e milho: porém na mesma memoria de Francisco de Mello de Castro, e por outras informações que tive, acho que tendo este capitão general animado os habitantes d'aquelles dominios a lavoura do arroz, promettendo-lhes mandal-o conduzir, e compral-o para a subsistencia das tropas d'aquella praça, elles o fizeram tão bem, que não só bastou para o referido provimento, mas

tambem se aproveitaram d'elle os moradores de Moçambique.

«Em quanto ao trigo havia tambem o mesmo descuido, e compravam-no aos navios da India por preço exorbitante, porém animados da mesma forma, e pelo mesmo governador entraram na sua cultura; e a producção foi tal, que abrangeu para carregar uma embarcação de cento e vinte toneladas, e tirando-se o necessario para o provimento dos armazens e hospitaes, foi o resto vendido ao publico com grande commodidade, pela barateza do preço. Pelo que se poderá concluir que logo que estas terras forem cultivadas pelos novos habitadores canarins, não deixarão elles de ter estes dois principaes mantimentos, com que se crearam em Goa, além de que ha muito milho, feijão branco, feijão fradinho, e ervilhas.

«Passando d'estas producções a outras, que tornam estes territorios ainda mais opulentos, diremos que produzem muito algodão, e melhor que o da Asia, por ser mais alvo, mais fino, e mais comprido; tabaco admiravel, em grande quantidade, e quasi sem cultura, e é tão superior em qualidade que os intelligentes dão-lhe preferencia sobre o do Brazil: salitre em abundancia, de que se tem feito experiencias, pelas quaes se mostra, que é melhor do que o da Asia; os naturaes servem-se d'elle para salgar as carnes, e acham-no para esse effeito mais apropriado do que o sal commum; ferro, cobre, tutinagre e cristal em grande quantidade: admiraveis madeiras, de arvores de tão estupenda grandeza, como mal aproveitadas, porque se não serram, visto que os cafres ignoram o meio de o fazer: marfim, e dois principaes metaes, oiro e prata. D'este ultimo ha muito tempo que nos não utilizamos, por se ter perdido o rumo das minas de Chicova, onde elle foi descoberto: mas ha tradição, que entre o muito que se tirou, foi achada uma lagem de dez palmos de comprido, cinco de largo, e um de grossura, sendo do mais subido quilate que se conhece n'este metal, não sendo refinado. Este oiro, ainda que se não encontre no nosso continente, facilmente se poderá extrahir no alheio; porém tambem ha indicações de que o ha nas terras da corôa, como tambem minas de diamantes, e outras pedras preciosas indicadas pelo cristal, que se tira da Manica em grande quantidade, e em grandes pedaços. Todos estes generos teriamos em abundancia se houvessem moradores, pois que a pouca vantagem que presentemente se tira d'aquellas regiões é apenas resultado do trabalho de alguns canarins de Goa, que persistem n'ellas: e por tanto muito maior se tornaria, se augmentassem os habitantes.

«Sofala está tambem na mesma situação; por que se exceptuarmos o capitão, que é juntamente feitor de commercio, e trinta homens da sua guarnição, contando os officiaes, que são portuguezes, tudo o mais são os poucos cana-

rios, e moiros que a habitam. No anno de 1733 foi reforçado este presidio, governando o estado da Africa oriental Francisco de Mello de Castro, com o grande socorro que lhe chegou d'este reino; mas como não ha moradores casados, tornou immediatamente á sua antiga situação.

O commercio que houve nos tempos passados foi grande e fazia-se nas terras do rei de Quitovo, a troco do melhor oiro do seu continente, e marfim, que não excede de quarenta e cinco até sessenta *bares*, muito mais vantajoso que o dos outros portos. Todos os seus habitantes são muito pobres, a roupa que elles tomam fiada a feitoria, para a tornar em marfim, lhes ajuda a passar; mas tiram d'ella muito pouco lucro, por que a dão barata, e são obrigados a pagar uma certa porção ao fiador, que se obriga por elles na feitoria, o qual era n'esse tempo Sebastião Rodrigues, natural de Goa, que só n'estas fianças fez um grosso cabedal, como assegura Francisco de Mello de Castro, no seu erudito papel que li com muita attenção.

«Tem este porto abundante mantimento de arroz, milho, e legumes de diferentes especies, tem peixe, e muito bom; possui gado de toda a casta e em quantidade: as vaccas são semelhantes ás da Europa. Nos tempos passados teve a celebrada pescaria dos aljofres, que segundo as relações que li, excediam os do Oriente, em boa agua, e alvura, porém nenhum dos actuaes moradores tem já noticia d'ella. O conde da Ericeira no seu primeiro governo da India a quiz mandar renovar, para o que foram mandados de Goa muitos mergulhadores debaixo da direcção de Manuel Ferreira Rosa, que foi encarregado d'este negocio. Mas a morte do conde, e o novo governo deram fim ao projecto, o que em Goa succede ordinariamente, e é uma das causas porque se acha tão decadente. Mas o conde da Ericeira enganava-se, querendo fazer esta pesca em Sofala, porque antigamente so nas ilhas de Bararuto, a vinte e quatro leguas de distancia, é que se descobriu um fundo capaz d'isso; porém em algumas relações que li, acho que se encheu aquella paragem de tanto tubarão, que se difficultou aos mergulhadores o fazer esta operação. Dionisio Manuel Viegas, e Ignacio Manuel Alvim, que proximamente governaram aquella capitania, certificam o mesmo, e o aljofar miudo que ainda vem a Goa d'aquellas partes, mostra pelo lustro e alvura ser de superior qualidade. Julgo não haver difficuldade em extinguir os tubarões, se porventura se julgar muito proficua aquella pescaria.

«Passando da costa do sul para a do norte, em que tem principio as terras d'aquella conquista, pelas ilhas de Cabo-Delgado, o desamparo é talvez maior, que o das outras partes de que tenho fallado; porque das onze ilhas, das quaes muitas são grandes, umas estão totalmente desertas, outras povoadas de moiros e cafres,

entre os quaes se encontram muito poucos christãos; em todas ellas se não contavam mais de cinco portuguezes, e além da falta de habitantes, não havia tambem meio algum de defesa. O governador Francisco de Mello de Castro mandou engenheiro e materiaes para fortificar a ilha de Ibô, mas não tive noticia se esta empresa se realisou, mas creio que não teve effeito algum.

«D'estas ilhas do Cabo-Delgado se tirava, não ha muitos annos, como se vê dos livros antigos das feitorias, cairo, breu, madeiras, e outros objectos, que se mandavam para a ribeira de Goa, que hoje não tem este soccorro e ainda menos Moçambique: o que tudo nasce da falta de habitantes.

Sem embargo de estarem estas ilhas em tal abandono, creio comtudo que d'ellas se pode tirar utilidade para a fazenda real; erigindo-se uma feitoria, como ha nas mais partes da costa do sul, e introduzindo roupa, para haver em troca as fazendas do sertão, que a maior parte são marfim de Macuama, de que se pode tirar annualmente ao menos quarenta bares: pelo tempo adiante seriam mais crescidas as remessas de marfim que pelo preço de Moçambique poderiam valer quarenta mil cruzados, e sem prejuizo d'aquelles moradores, porque se lhes evitava o trabalho de vir a Moçambique vendel-o, caminhando pelo menos setenta leguas, que tal e a distancia d'aquella praça ás ilhas. E se os baneanes que habitam n'aquella capital hão de ter este lucro pela necessidade de quem o vende, parece-me que era melhor o tivessem aquellas ilhas, e a fazenda real, para d'elles applicar parte ao subsidio de uma companhia de sua guarnição, que poderia ser rendida em Março nas embarcações de transporte das fazendas para as feitorias: creio apesar de tudo, que será preciso sempre remetter para aquellas ilhas alguns casaes de canarins de Goa.

Além do marfim, tambem pode o feitor comprar a mauna, tartaruga, ambar, caufy em abundancia e o de arroz, que cosido com azeite é o melhor breu; generos estes que ha n'aquellas ilhas, e em que commerceam os poucos moradores d'ellas, e em limitada porção por não haver quem lh'os compre, e que tomando-lh'os o feitor, e dando-lhes roupas em troca, se podiam beneficiar em Moçambique ou na India por conta da fazenda real, ou entregal-os á companhia, se sua magestade julgar conveniente; e d'este modo sairiam da miseria aquelles moradores, dos quaes é geral a penuria em todos os estabelecimentos da Africa oriental.

«Os poucos habitantes que ha em todas aquellas praças negoceiam em marfim e escravatura que trazem os cafres Majãos do interior do sertão, e trocam por roupas e missangas, que é o mesmo que velorio. De Quilimane não se extrahem muito marfim, porque lhes custa muito a sua conducção, e por isso retornam o oiro pe-

las roupas: e por esta mesma razão não sae dos territorios sujeitos aos Rios senão pouco marfim, pois que são obrigados a transportal-o por terra, com dois e tres mezes de viagem dos paizes de Morava, Bive, Cazange, e de outros varios potentados d'aquelles sertões. fronteiros á jurisdicção dos Rios de Senna da outra parte do Zambeze ou Cuama.

«A toda a roupa branca, crua, curada, preta, ou pintada se dá consumo em Moçambique, e tem prompta saída em Senna, de cujo producto se faz annualmente uma grande somma: motivo porque cada vez me vou persuadindo mais que o estabelecimento de uma companhia seria util para a Africa, e India, cujos habitantes se haviam de ver por consequencia livres da miseria que actualmte padecem e o commercio floresceria com o abatimento do que nos tem usurpado os estrangeiros.

«Já tenho mostrado que as fazendas, que entram nas feitorias de Africa não deixam de ter saída nos Rios de Senna: o que se comprova tambem com a experiencia dos que escreveram de tantos annos a esta parte, que dizem que por mais avultadas que sejam as carregações, tem logo consumo, e é necessario buscar valias para o feitor de Senna dar aos mercadores as bares de fato que querem. Cada *bar* tem vinte *corjas*, uma *corja* vinte pannos que é a que se reduz toda a qualidade de peças maior, ao menos segundo o seu preço: a medida de cada panno é de um *bertangil*, ou por outro nome, *chuabo*, que tem oito mãos de comprido, e um covado de largo. Pelo que digo que ainda fazendo-se maiores remessas do que costumam mandar, que sempre chegam a trezentas e cincoenta *bares* de roupa, até quatrocentas; todas tem saída, como tambem teriam, por mais crescidas que ellas fossem, o que não pode ser de ordinario por faltas de roupas capazes, e proprias d'aquelle commercio. E a razão é a seguinte: como a fazenda real não entra n'este commercio com mais cabedal do que o seu credito, e o superintendente que é o mesmo governador de Moçambique toma fiadas as fazendas aos mercadores de Goa, Damão, e Dio, debaixo da promessa de se pagar pelos retornos, que vierem dos portos, que muitas vezes é contingente, é preciso accommodar-se á quantidade e qualidade que se pode achar, e o mesmo succede em todos os mais portos.

Esta é uma das verdadeiras causas da sua decadencia (como diz Francisco de Mello de Castro na sua Memoria) e não a que expõe o conde d'Ericeira, attribuindo tudo ás continuas sublevações entre os moradores da corôa e os dos sertões, principalmente do potentado Changamira. Tudo isto se evitaria com o estabelecimento da projectada companhia, sem que seja preciso usar de armas, como julgava o mesmo conde, para conquistar e castigar o referido potentado; porque além de ser uma violencia bastante custosa e difficil pela distancia, ficaria pelo menos na contingencia de perder o que sem

embaraço ganhámos nas terras dos vizinhos, como já referimos.

« A serra que fr. Joaquim de Santa Rita diz na sua relação, extrahida da de fr. João de Jesus Maria, que fica em distancia de dezoito leguas de Senna, existe somente na sua imaginação; a supposta serra não he senão um continente que tem por nome *Abutua*, que dista duzentas e cincoenta leguas da povoação do Senna, e este o territorio da jurisdicção do potentado Changamira, de onde se extrahê a maior porção de ouro, que sae dos Rios de Senna.

« Bem se vê por isto, quantas despezas seriam precisas, se se intentasse castigar Changamira, e creio que o conde da Ericeira propondo este alvitre, suppunha verdadeira a relação do referido fr. Joaquim, julgando ser impraticavel o accesso á tal imaginaria serra, quando por outras memorias tenho visto que os caminhos de todo aquelle paiz são por campinas, susceptiveis de toda a qualidade de transportes. E igualmente ignorou o mesmo autor a distancia que ha da terra firme fronteira a Moçambique aos dois montes denominados Pão, e Mesa, que tem este nome, pela similhaça que tem com uma e outra coisa; porque não sendo senão de oito até dez leguas, afirma ser mais de trezentas.

« Nas trinta leguas de distancia, que ha entre Senna e Tete não se vê palmo de terra que não seja da corôa, e de Tete até Monomotapa que não serão menos de doze, ou quinze leguas inseriu o referido autor os dominios de Changamira, quando todo esse terreno é da sua antiga demarcação, e pertence a Portugal. O paiz d'este potentado a que chamam *Abutua* toma esta denominação de um arbusto d'este nome, cujas virtudes são bem notorias; o qual tambem se dá nos mattos de Rios de Senna, com a differença que o de Changamira dá um fructo branco, mas ambos produzem eguaes effeitos. O potentado Changamira tanto não merece ser castigado, que não só nos permite um commercio livre nas suas terras, das quaes se extrahê annualmente quasi um milhão de cruzados em ouro, mas fez castigar os que roubam os mercadores da corôa, que commercem nos seus dominios, proceder este que lhe deve grangear com mais razão o nome de amigo do estado.

« Todo o ouro que é do paiz d'este potentado é extrahido a troco de alguns pannos grossos, como são todos os proprios d'aquelle commercio, e a que chamam *chuabo*, e de alguns frascos de vinho de caju (fructa que abunda nos mattos de Goa) ou de *nippa*, outro vinho das arvores de côco que se distila na capital de Goa, e que os inglezes compram para o seu ponche.

« Não sendo tambem a vinha do Senhor de menor attenção para discorrermos sobre a sua decadencia nas partes da Africa oriental, e em que vão muito differente ás reaes intenções do nosso augusto soberano, que sempre cuidou com repetidas ordens na propagação do Evangelho em seus dominios, se faz preciso mostrar o estado

a que a tem reduzido a ambiciosa corrupção d'aquelles operarios, que só tem cuidado até hoje nos interesses e não na conversão dos infieis, que facilmente se consegue entre aquelles povos. As missões tornam-se commissões assim fora como dentro dos Rios de Senna, e as casas dos religiosos transformam-se em casas de negocio, seguindo o exemplo que lhes deixou a necessidade d'aquelles monstros de avareza, quero dizer, da companhia chamada de Jesus: a relaxação dos costumes é n'esses missionarios tão grande, que os seculares os podem edificar, usando da sua liberdade para viverem em devassidão, e sendo os mais descarados entreventores dos direitos da fazenda real, e os primeiros contrabandistas. O mesmo poderia dizer dos relaxados religiosos dominicos de Timor e Solor, cujos procedimentos tenho uma invencivel repugnancia em expor.

« A confraria das terras da corôa está na mesma obediencia, a que a reduziram os primeiros conquistadores; n'ella é prompto o serviço, não só para os proprios senhorios, mas tambem para os *Muzungos* viajantes, nome que nos dão os cafres, não só aos portuguezes, porque a estes chamam *Muzungos de Manga* por distincção, que quer dizer portuguezes de côrte, alludindo a todo o reino de Portugal; mas a todo o individuo que anda vestido á europea ainda que seja preto; dão casas aos viajantes para pernoitar, cafres para a carruagem ou bagagem, ao que chamam *gandeira*, que é o mesmo que posta, conduzindo-os até á povoação proxima, aonde o *Fumo* ou *Mucazambo*, que é o governador da terra, manda tomar eguaes providencias. Ahi não se vê furto, por pequeno que seja, porque se é descoberto o ladrão, para o que se faz exactissima diligencia, fica este captivo pela lei do paiz, e logo entregue á pessoa a quem foi feito o roubo.

« Com estas vantagens quanto se não adiantariam estes dominios, se sua magestade fosse servido mandar casaes que os povoassem, pois sem este importante e precioso soccorro de nenhuma sorte augmentarão elles, e se pelo contrario o fizerem, poderão em breve tornar-se tão opulentos e preciosos como os da America.

« A povoação do Senna teve não ha um seculo setenta familias, que todas passavam com fartura, e muitas d'ellas possuíam grossos cabe-daes. Para ella, que é a capital d'aquella conquista se podem mandar cincoenta casaes, dando-se a cada um uma terra que se pode tirar das outras casas, sem as defraudar, porque tem cada uma d'ellas tres e quatro, e outras mais, as quaes se não cultivam por falta de agricultores; e além d'isto uma praça pela feitoria como se paga aos soldados; porque estes mesmos moradores podem servir juntos na paz, como na guerra, o que raramente succede. Assim como na terra ha de comer, e ha escravatura para os servir, além d'aquillo que chamam *costumas*, que pagam os cafres nos fructos, e pitaças do

paiz, o que tudo ajuda a passar; por este modo, e com a agencia pessoal, se poderão instituir boas casas, pois com menos principio se fizeram outras muito grandes n'aquellas mesmas povoações. Mas emquanto os casaes não chegarem ao logar da sua residencia será necessario que a fazenda real os sustente, e os transporte á sua custa.

« Para Tete, que é a segunda povoação dos Rios de Senna, bastarão trinta casaes; que ali terão eguaes meios para se estabelecerem, dando-lhe a cada um uma praça como no Senna.

« Em Quilimane pode haver quinze casaes, dando-se-lhe eguaes vantagens que aos de Senna e Tete. E' certo, que o subsidio d'estas praças hade elevar-se a uma grossa despeza, mas que é indispensavel no principio do estabelecimento: porém pelo tempo adiante se pode ir refazendo, segundo os meios com que cada uma das familias se fôr adiantando.

« Em Sofala é mais difficil o sustento das familias, aonde ellas são egualmente necessarias, porque a falta de habitadores portuguezes tem inteiramente desanimado este importante estabelecimento; só se animará, mandando-se-lhe dez até doze familias as quaes devem ter praça de soldados, tanto o marido como a mulher, porque n'aquella ilha não ha terras que se lhes dêem como nos Rios de Senna, e as que estão da outra banda fronteira á ilha não são da corôa, mas facilmente se faziam proprias e da mesma natureza que as de Senna.

« Para Inhambane se podem mandar outras tantas familias, que se sustentarão com abundancia, porque sendo a terra de si salutifera, e barata, com uma praça de soldado podem passar abastadamente.

« A ilha de Cabo-Delgado ou de Quirimba, de que tomam as mais o nome; por ser ella a capital, são capazes de admittir grande numero de familias, mas bastarão cincoenta, para se dividirem pelas melhores. Não ha por emquanto n'ellas de que se alimentem essas familias, porque não estão cultivadas, e será necessario que concorresse a grandeza de sua magestade com os meios precisos até que elles os adquirissem com as suas diligencias: porque ainda que os moradores que se mandassem para esses estabelecimentos sejam trabalhadores, com tudo o sol o ar e o clima podem tornar-se ao principio prejudiciaes á saude, emquanto se não acostumarem.

« Para atalhar este inconveniente não ha mais do que mandar vir cafres dos portos d'aquella costa por conta da fazenda real, o que se pode fazer com pouca despeza. Os de Inhambane são os melhores, não só pela sua disposição corporal, como por serem muito laboriosos, e propensos aos trabalhos de agricultura. Estes podem ser repartidos pelos casaes a doze ou quinze por cada um, ficando elles obrigados a pagar á fazenda de sua magestade dentro de um anno o que estipular, sem ser por maior preço do que custaram

postos nas ilhas, para ficarem de propriedade as referidas familias, e aos seus descendentes.

« Sendo a primeira coisa que me occorre, depois d'estes arbitrios, a despeza precisa para a execução d'elles, e a origem de onde hade provir, me lembra ter lido uma memoria de Francisco de Mello de Castro, em que elle discorre sobre a utilidade que teria a fazenda real se estancasse o velorio, genero o mais importante de todos que entram no commercio d'aquelles povos.

« Depois de ter discorrido nos meios para o commercio de Moçambique, e dos mais portos de sua dependencia, tambem me occorre fallar das antigas viagens que os portuguezes faziam para o Cabo das Correntes, que não dista muito do novo estabelecimento de Inhambane. Estas viagens foram antigamente muito seguidas, mas ha tempos a esta parte tem cessado; porém a sua utilidade é tão conhecida, que tem sido sempre continuas as diligencias dos hollandezes para se estabelecerem n'aquelle porto, o que não poderam conseguir dos habitantes d'elle.

« Em toda a costa oriental da Africa, e seus continentes é o principal commercio o das roupas, pelas quaes se commuta o oiro, o marfim, os escravos, e outros generos de menos conta. As melhores roupas em medidura, tintas, grandeza, e duração são sem controversia as de Bengala, com muita vantagem das que veem das outras partes da India, como Ballagate, Surrate, Diu e Damão.

« As mais bem reputadas fazendas que navegam para Bengala com prompta saida, e seguro ganho são o algodão, e o *caury*, ou por outro nome *buzio*. Ambos estes generos temos de casa, sem se irem buscar fora, sendo o primeiro o melhor do que nenhum outro, como já disse, fallando das produções de Senna, além de que sae mais barato comprando-o a *farçolla* do que a peso: *farçolla* é certa medida de que usam os cafres, com o peso de vinte e sete arrateis, que pelo preço da feitoria de Senna, aonde se vendem a dois cruzados e meio cada uma, viria a ser a mesma quantidade que em Moçambique custa quatro cruzados.

« O *caury* apparece em abundancia nos parzes circunvisinhos de Moçambique, mas nas ilhas de Cabo-Delgado, pela vantagem da medida, vem a ficar cada fanga por tres tostões, vendendo-se depois em Bengala por quatro rupias. As compras, vindas de Bengala, com a commodidade para que dá o avantajado lucro, ceder-se-hão em Moçambique uma grande parte com prompta saida, porque emquanto as houver de Bengala ninguem as comprará de Ballagate, Damão, Diu ou Cambaya: devendo notar-se que é necessario que o aviso para se extrahir o algodão dos Rios de Senna seja antecipado de uma monção a outra, porque como não é costume a extracção d'este genero em retorno das fazendas, é indispensavel esta precaução: não diremos o mesmo a respeito do

caury, porque d'esse podem apparecer, em poucos mezes, muitas mil langas. »

PUGILATO NO JAPÃO.

Como na America e na Inglaterra existem no Japão jogadores de pugilato, fazendo profissão de tal vida; e entram no sequito dos principes, que os mantem não só para divertimento seu particular, como para diversão do publico. Na visita que o commodoro Perry fez ao soberano d'esse paiz, teve este official de marinha ensejo de os examinar á vontade, porque o principe o convidou para assistir a taes exercícos. Em casa do soberano ha vinte e cinco, sendo todos de estatura e peso enormes. Quando praticam a sua profissão usam de um calção mui curto, variegado, e franjado, tendo pintadas as armas do principe a que pertencem. Este vestuario deixa desnudas as proporções gigantescas e vigorosa musculatura. Fora d'estes casos usam magnificas vestes japonezas. Parecem tão vangloriosos d'aquella massa carnuda de que a natureza os dotou, como os principes de os terem a seu serviço.

Eis o effeito que a vista d'elles causou no commodoro, cujas são as palavras que vamos repetir:

«Não tem apparencia humana; apenas se lhes vêem os olhos, e o nariz esconde-se-lhes entre as faces, parecendo que as cabeças lhes nascem logo dos hombros, sem indicação alguma de pescoço. São verdadeiros monstros; mas como estão muito exercitados, e são de desmesurada estatura, é impossivel encontrar seres humanos mais tortos do que elles.

«Principiaram os seus exercícos conduzindo com toda a facilidade de bordo das barcas duas saccoas de arroz de cada vez. Cada sacca pesava cento e vinte cinco libras. Carregavam-nas no hombro e espadao direita, levantando a primeira sem auxilio de outra pessoa e collocando-a logo no hombro, e ajudando-se, para ajustar a segunda, por outro companheiro.

«Depois prepararam-se para o combate. Marcaram com uma corda um espaço circular de quatro metros quasi de diametro, e dentro d'elle luctaram. Dividiram-se em dois bandos e principiaram os exercícos, medindo-se com a vista, avançando, recuando, fazendo emfim todos os exercícos, e figuras do pugilato, sem reciprocamente se atacarem. Depois destacaram-se a dois e dois e combateram até um de cada quadilha cair vencido. Ao que cae retiram-no logo do campo. Acabam os luctadores por se assimilarem aos animaes ferozes que se arremessam uns aos outros, tanto se parecem com os monstros depois de travarem a lucta. Em quanto os dois campeões se conservam de pé, ninguem os separa, ainda que tenham o corpo e a cabeça a escorrer sangue.

«É um dos mais repugnantes espectaculos que

se pode offerecer a qualquer europeu, e comtudo, é para os divertir que os principes do Japão mandam luctar em sua presença.»

PAPEL DE GUTTA-PERCHA.

O doutor Wetzeler, de Aix-la-Chapelle, designa por este nome uma preparação, que se vende em Paris com a denominação de *tecido-electrico-vegetal*, e que não passa de ser laminas de gutta-percha, mui finas, não excedendo a grossura de papel. Eupregam-se contra o rheumatismo e a gotta.

Applica-se sobre as partes que são a sede das dôres rheumaticas chronicas, ou gottosas; e o pratico que acabamos de citar diz ter colhido da sua applicação bons resultados, em consequencia da abundante transpiração local que promovem.

Não tem inconveniente algum, diz elle; as folhas são assaz delgadas e flexiveis para se applicarem exactamente sobre as articulações, sem entorpecerem os seus movimentos. Accrescenta, tel-as empregado com bom resultado tambem no rheumatismo gonorrhœal. Algumas vezes sobre a pelle uma irritação, que facilmente se dissipa.

EXPEDIENTE.

Os senhores assignantes d'este semanario, tanto de Lisboa como das provincias, que ainda não satisfizeram a sua assignatura desde o principio do anno, e os que a não renovaram para o segundo semestre, que começou no n.º 27, tenham a bondade, aquelles de mandar pagar, e estes de a renovarem, querendo, afim de não soffrerem interrupção, apesar de já terem recebido até o n.º 29.

Publicou-se o 2.º volume, nitidamente impresso, da obra — *Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, por J. M. Pereira da Silva.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos *Os dissipadores*, por Alfredo Hogan. — Preço 400 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.